



AS DELÍCIAS DE ANIVERSÁRIO: UMA REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA

Colóquio O Aniversário Clermont-Ferrand

Régine Sirota¹

Université Paris Descartes

Tradução original do Francês: **Rosária Cristina Costa Ribeiro**

Revisão Técnica: **Anete Abramowicz**

SIROTA (R.), «Les délices de l'anniversaire, Une mise en représentation de l'enfance», in Montandon, A.,(ed), L'anniversaire, Presses Universitaires Blaise Pascal, Clermont Ferrand, 2008, p.117-144.

Resumo

O artigo da Profa Régine Sirota: As delícias do aniversário: uma representação da infância nos mostra que além desta festa fazer parte de uma espécie de relógio social que marca os acontecimentos sociais e culturais, socializando e construindo os indivíduos no interior de uma determinada cultura, com suas regras de civilidade (dar e receber presentes, por exemplo), por esta via transmite uma cultura literária, gastronômica além de produzir a infância. Por outro lado, é também, uma forma de estetização do cotidiano. O artigo a partir de algo, aparentemente efêmero e pequeno como um bolo de aniversário, refaz e discute de maneira impressionante, conceitos preciosos da história cultural: como a civilidade e as coisas “ordinárias”, e da sociologia da criança e da infância, para além do processo de socialização.

Palavras-chave: Aniversário, infância, bolo de aniversário, rito de socialização, identidade

Veja também a versão original em francês publicada nesta edição.

Mots-clés: Anniversaire, enfance, Gâteau d'anniversaire, rite de socialisation, identité

Voir aussi la version originale française publiée dans ce numéro.

Abstract

The pleasures of birthday: a representation of childhood

The article of Professor Régine Sirota – The pleasures of birthday: a representation of childhood – shows us that, apart from being part of a kind of social clock that sets the social and cultural situations, socializing and building individuals in a determined culture, with its rules of civility (give and get gifts, for

¹ Professora Universitária, Université Paris Descartes, Cerlis, UMR 4070, CNRS.

instance), it also portrays a gastronomic and literary culture, producing childhood. However, it is also a way of aesthetically portray daily life. Having something apparently ephemeral and small as a birthday cake as starting point, the article wonderfully rebuilds and discusses precious concepts of cultural history: civility, “ordinary” things and childhood sociology beyond the socialization process.

Key-words: Birthday, childhood, birthday cake, socialization rite, identity

See also the original French version published in this issue.



O aniversário da criança, um ritual que reflete a alteração do lugar da criança no conjunto dos rituais.

O ritual de aniversário, ritual antigo, datado da Antiguidade, toma no período contemporâneo, qualificado como modernidade tardia ou segunda modernidade, uma força e uma importância inéditas que sublinha a evolução do *status* da criança. Isso acontece a partir de uma série de mudanças, pois um ritual não se reinventa, não se cria do nada, ele surge em uma explosão das referências sociais, como explica Lévi-Strauss a propósito do rito de Natal, e propõe uma reorganização de formas em parte já existentes.

Duas principais mudanças marcam essa evolução:

Primeiramente, passa-se na França da celebração de participação em um grupo – o que representava a festa patronal do Santo sob a égide da

igreja católica – à celebração do indivíduo, mais específica dos países de origem protestante².

Em segundo lugar, o aniversário não celebra mais o idoso da família do que a criança. No século passado era o ancião que era festejado, assim o historiador Vincent Gendron mostra o lugar central ocupado pelos avós. É principalmente em torno deles que estava organizado o cerimonial familiar de aniversário. Os netos tinham de oferecer pequenos presentes, preparados por suas próprias mãos, buquê de flores colhidas nos prados ou poesia escrita pela criança e recitada em honra dos seus avós.

“Enquanto eu me arrumava, bateram à minha porta. Eu dissera entre. Georges e Jeanne entram com Alice. Eles me desejam feliz aniversário. Georges me trouxe um excelente desenho, uma cabeça de moço feita por ele junto com Bonnat. Eu o incentivo a continuar junto à natureza. Jeanne me dá um lindo bordado, um marcador para meus livros, feito por ela. Alice me envia da parte de Lockroy um enorme buquê que eu deposito a seus pés”.

Assim, Victor Hugo relata seu próprio aniversário em *Coisas vistas*. Flores do campo, colhidas com intenções a uma pessoa amada, são consideradas como equivalentes ao mais rico objeto encontrado no comércio. A ordem dos valores familiares evoluiu desde então, agora é a criança que faz a família, e é em torno dela que se ordena o círculo familiar. A celebração da ordem geracional inverteu-se.

No mais, o aniversário faz parte de um círculo de festividades e de rituais em recomposição.

Na ordem individual do ciclo da vida, ele aparece entre os rituais que marcam as principais etapas da biografia de cada pessoa. Desde o surgimento do indivíduo (por meio de ritos religiosos tais como o batismo e a circuncisão), até sua maioridade religiosa (que seja por meio da primeira comunhão ou do *Bar-mitsva*), o casamento e a morte. Ao mesmo tempo o conjunto de rituais religiosos marca essas etapas, muda, enfraquece ou renasce, paralelamente a esse ritual profano que se instala. Assim enquanto rito de passagem, o aniversário marca também as etapas do ciclo de vida, pois ele se repete em data fixa, por meio de uma forma ritual globalmente idêntica, mas que se modifica ao longo do curso da vida do celebrante, primeiro durante a infância o crescimento, depois durante a idade adulta o envelhecimento do indivíduo.

Nessa ordem coletiva, enquanto rito de integração social, suas formas se multiplicam e se constroem nos diferentes círculos sociais que marcam a trajetória da vida do indivíduo. Assim, durante a infância, esse ritual aparece em três espaços sociais: a célula familiar, a instituição encarregada de cuidar da criança (creche, jardim da infância, escola maternal ou primária) e no

² Como mostra a historiadora Françoise Lefèvre em sua obra sobre história do aniversário.

grupo de amigos, por meio do qual se pode nomear o aniversário entre colegas.

O ritual de aniversário na infância encontra-se, pois multiplicado por três, a criança enquanto pequeno indivíduo é celebrada em três instâncias de socialização nas quais cada uma atribui uma importância cada vez mais marcada pela individualização da criança no quadro de seu processo educativo. Mas cada instância vai celebrar cada um de seus membros a sua maneira. Repete-se, pois no ciclo de vida do indivíduo, tomando formas levemente diferentes.

O que quer dizer uma multiplicação exponencial do ritual por meio dessa conjugação do ritual, da célula familiar, à célula de “cuidado”, até o grupo de pares. Mesmo as mutações da célula familiar, devidas aos divórcios, separações e recomposições trouxeram uma certa diminuição do ritual. Poetas e cantores contemporâneos tais como Julien Clerc fazem nostalgicamente eco como nessa música intitulada “*Double Enfance/Dupla infância*” composta por Máxime Le Forestier: “Ela não é dada a todo mundo/ A sorte de se amar pela vida inteira/ Duas casas, dois bairros/ Dois bolos de aniversário/Multiplicar os pais e as mães/Só há lados ruins; Antes dos outros eu saberia/ Que o único sentimento que dura/ É a dor da ruptura”.

O aniversário insere-se também em uma dupla temporalidade, aquela do ciclo da vida e do ciclo do ano. Pois celebrando a passagem dos anos ao longo do avanço da vida, repete-se em data fixa, no dia do nascimento. O aniversário toma seu lugar no ciclo do calendário que marca o ritmo do ano. Mas em uma datação própria para cada indivíduo, em oposição ao ritmo do calendário coletivo idêntico para todos.

O aniversário da criança: um ritual e suas regras

Se o aniversário familiar se celebra frequentemente em torno de um bolo, degustado no final da refeição ou à tarde, o aniversário escolar e entre os colegas se organizam em volta de um degustar das crianças, retomando as tradições da aristocracia anglo-saxônica e alemã: “Para meu aniversário, nós tínhamos habitualmente uma festa de crianças. Tínhamos autorização de nos sentar à grande mesa de jantar na sala do andar térreo. Havia uma boa quantidade de bolos, de chocolate, e cheios de *biscuit* assim como pequenos presentes que seria preciso ganhar por meio de todo tipo de jogo, e no final havia uma espécie de procissão por toda a casa, em que minha mãe acompanhava ao piano...”^{3 4}

O aniversário entre colegas adota globalmente essas práticas, mas em uma seqüência bem específica, pois segue certo número de etapas

³ Retirado das memórias de Brigitte Bermann-Fisher filha do editor Samuel Fisher Hedwig, (1905-1991, Museu judeu de Berlin).

⁴ A exemplo de Mauss pode-se considerar o sistema de troca realizável em um aniversário em um sistema de presente, lembrança e assim considerar o aniversário da criança como sendo um *potlatch*. Cf Sirota, R., 1998, “Les copains d'abord, les anniversaires de l'enfance, donner et recevoir”, *Ethnologie française*, n° spécial *Les cadeaux*, déc., p. 457-471, (reedição 2001).



que se encontram sistematicamente por meio do cerimonial do aniversário⁵. Pode-se assim formalizar certo número de regras:

A regra do convite: uma pequena carta comprada ou enviada alguns dias antes. A regra do presente: categoria imperativa do aniversário, grande amigo, grande presente, amiguinho, presentinho. A regra da lembrança: o ciclo de trocas é completado por uma pequenina lembrança oferecido a cada convidado. A regra da decoração: colocação de uma decoração infantil específica para o ambiente e para a mesa. A regra da roupa: elegante para os mais jovens, leve para os mais velhos. A regra da oferta de comida: balas, bebidas doces e um grande bolo são oferecidos. A regra da gula: pode-se comer quanto de balas se quer. A regra do bolo: o bolo é feito ou comprado e decorado especialmente. A regra da partição do bolo: nenhuma criança se serve sozinha do bolo, cada participante recebe dele uma parte. A regra das velas de aniversário: a quantidade de velas que decoram o bolo é referente aos anos, somente a criança que faz aniversário pode soprá-las. A regra do canto de celebração: cada participante deve cantar e mencionar o nome da criança que faz aniversário. A regra da presença dos pais: ao menos um dos pais está presente, geralmente os dois. A regra das brincadeiras e jogos colocados a disposição ou propostos: em função da idade e dos centros de interesses da criança. A regra da recordação: concretização da felicidade da criança moderna no álbum de fotos familiar.

Organizado em torno dessas regras, um verdadeiro *potlatch*⁶ da infância vai se estabelecer, pois o ciclo de trocas de convites ao participar do aniversário vai se instalar ao longo do ano. Se uma criança convida em média 10 crianças, ele é convidado uma dezena de vezes cada ano durante 10 anos; o ciclo começa por volta dos dois anos alcançando sua plenitude até a entrada no colégio. Pode-se considerar que uma criança comemore esse ritual intensamente mais de cem vezes durante a sua infância, se somados os aniversários familiares, escolares e dos colegas. Poucos rituais profanos atingem uma tal intensidade.

⁵ Esse artigo se apóia sobre a pesquisa etnográfica conduzida há vários anos a respeito do aniversário considerado como ritual de socialização, para a observação participativa, sobre sessenta aniversários aproximadamente observados no XIII *arrondissement* (distrito) de Paris. Essa pesquisa se prolonga atualmente sobre um mapa internacional sob a ótica comparatista.

⁶ O **potlatch** é uma cerimônia praticada entre tribos indígenas da América do Norte, como os Haida, os Tlingit, os Salish e os Kwakiutl. Também há um ritual semelhante na Melanésia. Consiste num festejo religioso de homenagem, geralmente envolvendo um banquete de carne de foca ou salmão, seguido por uma renúncia a todos os bens materiais acumulados pelo homenageado. O valor e a qualidade dos bens dados como presente são um sinal do prestígio do homenageado. Originalmente o *potlatch* acontecia somente em certas ocasiões da vida dos indígenas, como o nascimento de um filho; mas com a interferência dos negociantes europeus, os *potlatches* passaram a ser mais frequentes (pois haviam bens comprados para serem presenteados) e em algumas tribos surgiu uma verdadeira guerra de forças baseada no *potlatch*. Em alguns casos, os bens eram simplesmente destruídos após a cerimônia. Os governos canadense e estadunidense proibiram o *potlatch* em fins do século XIX, por considerar o ritual uma perda "irracional" de recursos. Com a compreensão do significado do *potlatch*, a proibição desapareceu em 1934 nos EUA e em 1954 no Canadá. Algumas tribos praticam a cerimônia ainda hoje, e os presentes incluem dinheiro, taças, copos, mantas, etc. (N.T.)



Representatividade do destino de um pequeno indivíduo

Símbolo, às vezes, da felicidade familiar e dos percalços dos pequenos destinos individuais, o aniversário tende a tornar-se uma cena de predileção da literatura e da cinematografia contemporânea. Pode-se por meio de algumas de suas declinações seguir a evolução de seus prêmios e do *status* da criança. Se considera como a exemplo um certo número de antropólogos para quem a noção de ritual secular pode se estender aos comportamentos rituais, repetidos e coletivos, os quais compreendem uma forma de imposição na qual o mediador do ritual toma a forma de alguma coisa consumível em comum, bebida ou refeição, o bolo de aniversário parece simbolizar ele próprio esse rito. Tomemos essa regra do bolo e seu envolvimento na literatura contemporânea para seguir a evolução e os prêmios de aniversário para criança.

Raymond Carver em um trecho de sua coleção “*As vitaminas da felicidade*” intitulada “**Não é grande coisa, mas faz bem**” faz desse pensamento o quadro de sua indagação.

Desde a primeira cena, o aniversário é posto em cena, por meio da compra e do pedido do bolo de aniversário: “Sábado à tarde, ela foi à padaria do centro comercial. Após ter folheado um classificado com fotos de bolos, colados sobre as páginas, ela encomendou um de chocolate, o sabor preferido de seu filho. Seu nome, Scott, seria escrito em letras verdes embaixo do planeta”. Saído da cozinha doméstica, tornado objeto comercial, o bolo de aniversário se padronizou como produto específico, vendido em supermercados, ou seja, tornou-se objeto de catálogo. Produzido profissionalmente, às vezes mesmo de maneira industrial, ele deve, entretanto ser individualizado e corresponder ao gosto de cada criança. “O bolo escolhido estava decorado com uma nave espacial com plataforma de lançamento, sob um polvilhamento de estrelas, com um planeta vertendo lava na borda”. Os catálogos e as vitrines das padarias, em numerosos países, oferecem dessa forma uma grande variedade de possibilidades de escolha, que pressupõem traduzir os centros de interesses de cada criança, mas através dos quais se expressam e se constituem as escolhas culturais do mundo infantil, determinados lugar e época. “Ela era mãe, tinha 33 anos e lhe parecia que todo mundo, sobretudo um homem da idade do padeiro velho demais para ser seu pai, devia ter filhos e conhecer esse ritual dos bolos e degustação do aniversário”. Ritual que atravessa as classes sociais, proveniente da aristocracia britânica, o aniversário efetivamente se banalizou na América contemporânea, tomando formas mais ou menos simples ou sofisticadas segundo os meios sociais. Mas ainda ele expressa os símbolos da felicidade da infância e de sua eclosão pessoal em uma sociedade de abundância. “O bolo estaria pronto segunda de manhã, tão quente saído do forno, e bem a tempo para o degustar à tarde”. Mas de segunda de manhã, “o herói da festa de aniversário” vai a escola a pé com um outro garotinho, eles se passam e repassam um saco de batatas chips, o danado tentando descobrir o que seu amigo vai lhe dar como presente. Distraído pela discussão, ao atravessar a rua,

foi atropelado por um carro. A criança foi hospitalizada com urgência. Em sua inquietude, os pais esquecem a encomenda. O bolo ficou na padaria de onde o ataque telefônico do padeiro, que irritado pela encomenda perdida e não sabendo de nada em relação ao coma depois da agonia da criança, telefona sem parar, lembrando esse dia de festa de uma felicidade em decomposição. Os pais loucos de dor e de raiva voltam à padaria, lugar em que eles se abatem, e terminam a manhã, para dividir com o padeiro uma xícara de café e seus pãezinhos de canela, quentes recém saídos do forno. “Eles coçam a cabeça quando o padeiro se põe a falar da solicitude, e dessa impressão de dúvida e de limitação que ele sentia de sua idade murcha. Ele lhes diz, o que era ter passado toda uma vida sem filhos. Ele lhes falou dos dias que se repetiam, com os fornos todo o tempo cheios e todo tempo vazios. A preparação dos *buffets*, das festas. As coberturas assim grossas. Os noivinhos plantados no alto dos bolos de casamento. Centenas, não milhares, agora. Os aniversários. Vocês vêem isso, todas essas velas que queimam”. Divide o mesmo vazio de uma vida sem filhos, esses filhos do desejo, tornados, às vezes, muralhas contra a solidão e o centro da vida familiar. Mas felicidade eminentemente frágil como ilustra o acidente de Scotty no dia de seu aniversário, segue Ulrich Beck em sua análise de uma sociedade de risco. Essa criança, bem rara, tornou-se o herói do cotidiano, forma particular do encantamento do mundo profundamente desencantado pintado por Raymond Carver. Mas também pintura do avesso da decoração desses dias extraordinários das existências ordinárias, por meio do destino do bolo de aniversário, esquecido em uma padaria.

A encarnação do rito em um objeto: o bolo de aniversário



O bolo de aniversário tornou-se com o passar do tempo um bolo específico, e pode ser considerado uma espécie de relógio social que se apresenta no quadro de confeitarias frequentemente de origem religiosa que marcam um calendário social, tornado amplamente profano: Panetone de Natal, Crêpes de Chandeleur⁷, Bolachas de Dia de Reis, Cuca de São Nicolau, Beignet⁸ de Mardi Gras (terça-feira de Carnaval). O calendário das etapas da vida é marcado por confeitos específicos, tais as peças montadas para comunhão ou os bolos de casamento. Cada uma dessas ocasiões é marcada por um aparato específico, refletindo a simbologia do ritual, assim Mary Douglas toma como exemplo do sistema alimentar inglês o bolo de casamento:

“O apogeu é marcado pela arquitetura imaculada e cintilante do bolo de três andares que celebra esse grande acontecimento da vida, o casamento. Seu glacê é tão duro que é preciso cortar com esforços conjugados dos dois noivos armados de uma faca de tamanho de um sabre”.

Em uma ordem menos tradicional e menos acadêmica, o bolo de aniversário se instalou no imaginário da cultura americana, apoteose dos romances ou das sagas de poderosos desse mundo. Múltiplos exemplos poderiam ser dados, tal como o bolo de aniversário ofertado a John Fitzgerald Kennedy de onde sairia Marilyn Monroe molhada em um super vestido branco cantando languidamente “*Happy Birthday to you, Mister President*” ou como aquele do padrinho da máfia do filme de Billy Wilder de onde jorravam seus assassinos, metralhando. Da mesma forma a degustação do bolo, que se instalou no centro do ritual do aniversário da criança, segue um protocolo bem particular no qual se conjugam elementos culturais que celebram a cultura infantil e constroem a identidade pessoal do indivíduo contemporâneo.

O castelo de Anne Hiversère, ou a aprendizagem moderna de regras de civilidade

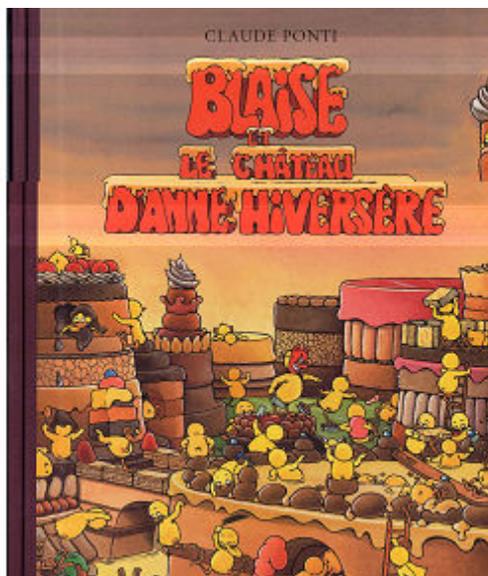
O bolo pode mesmo tornar-se o nó da intriga, dessa forma um dos últimos livros de Claude Ponti, publicado na ocasião da retomada do grande prêmio do Salão do livro da juventude de Montreuil em 2004 por seu autor, intitulado *Blaise e o Castelo d’Anne Hiversère*⁹. O título da obra é baseado sobre um jogo de palavras, entre bolo (gâteau) e castelo (château). O mesmo acontece para o nome e sobrenome da heroína, *Anne Hiversère*, que retoma um jogo de pedras de madeira, ligando o nome e o sobrenome, muito na moda entre as crianças. Eis aqui o bolo de aniversário claramente em cena. No

⁷ A Chandeleur é a comemoração da apresentação do menino Jesus no Templo. É comemorada no dia dois de fevereiro (N.T.)

⁸ Tipo de massa mole de farinha na qual se passa legumes cozidos, própria para a fritura, como o tempurá. (N.T.)

⁹ O nome Anne Hiversère reproduz sonoramente em francês a palavra Aniversário. (N.T.)

castelo maravilhoso vão se abrigar e se expressar, sob o signo do humor, valores e normas da infância contemporânea.



A transmissão das regras de bom comportamento, assim como a apresentação dos elementos do capital gastronômico francês, são colocadas no texto de maneira distanciada e humorística. Encontra-se uma das funções clássicas da literatura infantil em termos de livro de civildade e de moral. As leis de hospitalidade são claramente desenvolvidas aqui, assim como afirmava Brillat-Savarin: “Aquele que recebe seus amigos e não dá nenhum cuidado pessoal à refeição que ele deveria ter preparado não é digno de ter amigos”.

Mas elas se encontram ensinadas de maneira bem particular. Um duplo registro de normas, para a base de referências de como dividir é utilizado. Esse registro pressupõe um certo nível de capital cultural. Pois o leitor, criança ou adulto, é supostamente capaz de decifrar o implícito social subjacente aos jogos de palavras utilizados nesse humor diferente. Primeira observação: a ação se desenrola em um universo de companheiros, de pintinhos, não há nenhum adulto. A transmissão não é mais entre gerações. Segunda observação: nenhuma diferença é feita entre meninos e meninas, e os pintinhos de Claude Ponti aparecem de forma neutra. O conjunto de regras de aniversário está respeitado, se o centro da ação é levado para a confecção do bolo de aniversário, este deve ser o presente – surpresa dos pintinhos. Esse bolo deve ser uma obra-prima, pronto na hora exata do nascimento de Anne Hiversère. Todos os seus amigos são convidados. Cada um vem e traz um presente. Anne Hiversère se veste elegantemente para os receber e ao final, toda a assembléia divide o bolo.

Cada uma das regras do aniversário é assim colocada em cena com humor. Tomemos a regra do convite.

“Na tarde do primeiro dia, os pintinhos escreveram a todos os outros melhores amigos de Anne Hiversère. Eles moram um pouco pra cada lado, às vezes muito longe, felizmente, os CaixadeCartas conhecem todos os endereços. Blaise preparou um modelo de convite. ‘Venham todas a nossa casa, domingo. Faremos uma grande surpresa para a festa de Anne Hiversère. Haverá um superirresistível castelo. Assinado



os pintinhos'. Mas cada um escreve o que quer e enquanto que Kinonne copia Hipsonne, Pic e Asso se ocupam dos selos”.

Os jogos de palavras penetram a narrativa, eles são construídos em referência aos clássicos da cultura infantil, seja ela literária ou cinematográfica, como esse *superirresistivilhoso* bolo que mais tarde tornar-se-á *inacreditavilhoso* melhor castelo, diretamente retirado de Mary Poppins. Sem esquecer dos elementos da literatura contemporânea, se re-introduz em um pastiche de famosas biografias de Georges Perec: *Kinonno copia Hipsonne, Pic e Asso se ocupam dos selos*. Não somente a escritura, mas também a ilustração utiliza o segundo grau, com a ajuda dessas diferenças, jogando sobre a intertextualidade. Não há somente transmissão de uma cultura literária, mas também estética e gastronômica. Mais de uma dúzia de confeitarias tradicionais da gastronomia francesa são mencionadas e colocadas em imagens: Maçã do amor, Merengues, Roscas de uva passa, Bombas de chocolates, Wafers, Biscoitos, Mousses de frutas, Pés-de-moleque, Chantilly, Bombas, Tortas, Sovertes de frutas, Torrones, Balas. Ao modo de *Viagem à ilha dos prazeres* de Fénelon, esse inventário retoma uma antiga tradição de construção de decorações literárias, por meio de elementos da confeitarias, criando quadros próximos aos de Arcimboldo:

“Na manhã do nono dia, o castelo de Anne Hiversère é terminado. Não falta um merengue. As torres bem redondas estão ornamentadas e kouggueloffées deliciosos... Todo o período do nono dia, após a confirmação, os pintinhos admiram sua obra-prima. Eles estão particularmente orgulhosos da grande sala de festas circular, com seus espelhos, suas iluminações e seu piso multi-arte. Em volta, há seis salas médias quadradas, doze redondas ou quadradas, trinta corredores de saladas de frutas vermelhas e manga paixão, sessentas escadas em torrone mole, sessenta tobogans de caramelo, dois mil trezentas e vinte e sete travesseiros de *mousse* de baunilha e a mesma quantidade de laranja”.

No mais, a obra segue o ritmo de uma verdadeira receita de culinária, mas sempre se misturam princípios culinários e princípios de transgressão próprios às festas. Se alusão é feita a essas delícias da infância que são as bobagens de Mimi Cracra, os termos utilizados conjugam vocabulário técnico culinário e prazeres da “brincadeira” com os alimentos: *Kouggueloffées saborosos, Espitilhar a massa, Rataplatissar com o rolo, Tartislopar os cremes*. Pois a aposta é séria “Se a sova está perdida, todo o castelo está perdido, os ingredientes devem ser liquidificados, batidos e espatulados na ordem correta... no mais é preciso perfeitamente bem se sujar”. A encenação e a explicação das receitas retomam também os tradicionais jogos de poeira e areia doce da caixa de areia:



“A manhã do quarto dia é a manhã da farinha. Uma boa farinha de castelo deve ser muito fina. Como a poeira da poeira. Antes de colocá-la no saco, é preciso *claspaturar*. A única verdadeira forma de *claspaturar* é de se deixar deslizar de se iluminar nas colinas de farinha. Blaise e os pintinhos fazem muito corretamente o que é preciso”.

A confeitaria é mesmo uma brincadeira de crianças, para retomar o título do famoso livro de culinária de Raymond Oliver.

Para essa cópia culinária junta-se a uma cópia do primeiro livro da Bíblia “Berechit”¹⁰, dividindo a criação do mundo, todo dia completa uma etapa dessa receita:

“Na manhã do segundo dia, os pintinhos vão procurar ovos na casa de Olga Ponlemonde. Blaise explicou aos pintinhos como escolher bons ovos. Só é preciso pegar ovos do castelo. Não pegar sobretudo ovos de pintinho. (...) No sétimo dia, Blaise e os pintinhos não fazem nada. Eles descansam ...”. Convite à leitura do livro dos livros.

Quanto aos convidados desse aniversário, são personagens literários. Misturam-se, heróis patrimoniais da literatura clássica infantil e juvenil e personagens mais modernos, saídos tanto das histórias em quadrinhos quanto do universo de Walt Disney, surgem lado a lado em uma multidão falsamente anônima. Encontra-se assim descrito, sem uma palavra, o universo cultural da infância contemporânea. Ao leitor (cabe) reconhecer por meio dos desenhos, como nos álbuns de uma série dos anos 80 “*Onde passou Charlie?*”, mais de uma centena de personagens, tão diversos como Dumbo, o elefante, Asterix, A princesa das escolas, Charlot, A chapéuzinho vermelho, Tarzan, Gastão, o Professor Girassol, os sobrinhos de Tio Patinhas, os Dalton, Pequeno texugo, Aggie, Jeannot Lapin ou Bettie Boop..... Nenhuma exclusividade, nenhuma hierarquia entre os gêneros literários bons e ruins. Todo personagem vindo frequentar as noites da infância do autor, é o bem-vindo assim como expressa a explicação de Marcel Proust, “dessa homenagem à literatura infantil”:

“Muito tempo eu me deitei cedo, com meus livros e uma lanterna de bolso. Desde que acendia minha luminária, os personagens saíam por entre as páginas. Loucamente. Com os vizinhos, os cavalos, os pássaros, os marcianos ambidestros, os heróis medrosos, os maléficos, os superpoderosos, os caminhos, os sem-perigo, os enfeitados, os injustamente condenados, os invisíveis, os subterrâneos, os

¹⁰ **Berechit** (בְּרֵאשִׁית) é um dos parashas mais importantes do Torah. Ele representa a criação do mundo, no tempo de Adão e Eva. Ele contém um mandamento positivo: o dever de procriar. (N.T.)



rostos angelicais, as princesas a entregar. Ninguém saberá nunca quantos nós éramos embaixo da coberta....”

Nós não estamos mais frente a um conto ético considerando a criança como um ser imaturo que precisaria de uma boa moral simples e clara, e para quem seria preciso selecionar leituras sãs por meio de seus presentes de aniversários. Inversamente, a criança é considerada como um ator social inteiro, pequeno indivíduo competente, que pode e que deve aprender a decifrar por ele mesmo os diferentes níveis de mensagem, frente ao quebra-cabeça cultural da modernidade. Esses álbuns sendo destinados a permitir às crianças, assim como diz Claude Ponti, “brincar, crescer e envelhecer, cortar com os olhos como com as tesouras, misturar, recompor e colar com a água dos sonhos um universo no qual elas poderão ir em todos os sentidos de seus sentidos”. A transmissão das formas culturais e dos saberes culinários é sempre feita por meio de múltiplas maneiras de dizer e de fazer, sejam elas explícitas ou implícitas. Por meio dessas leituras e releituras feitas no vazio da cama, noite após noite, por meio dessas competências e desses gestos infinitamente repetidos, se coloca em cena, se transmite e se inscreve uma ordem social.

O bolo de aniversário, um minúsculo cruzamento de histórias

Uma rápida genealogia desse objeto às vezes ordinário e extraordinário que é o bolo de aniversário o situa na intersecção de uma multiplicidade de influências culturais. Se o bolo de chocolate de aniversário francês nos parece hoje uma evidência “Os pintinhos levam tanto chocolate quanto podem porque é impossível imaginar o castelo de Anne Hiversère sem chocolate”, é, entretanto portador de uma longa história, emprestando os elementos tanto da história culinária quanto da cultura infantil sem esquecer a memória familiar. Receita e decoração tornam-se então importantes, tanto uma quanto a outra, pois retomam os elementos materiais que refletem uma inscrição sócio-cultural. Os bolos de aniversário, incontornáveis no ritual, se tornaram assim, por vezes, objetos comerciais e de formas de expressão e de exposição de si. Algumas incursões do lado da literatura, aquela dos livros de culinária, permitem marcar algumas etapas no começo desse glorioso objeto efêmero, pois “não importa qual objeto, mesmo o mais comum, guarda a engenhosidade, as escolhas, uma cultura”, François Dagognet. Sem esquecer todas as pequenas histórias individuais, confidências trocadas, que ligam um pedaço do romance familiar, “meu bolo de aniversário preferido é o mil-folhas, você verá, dizia meu avô bem depois da guerra, quando os confeitores o refizerem, você verá como é com um Mil-folhas. Isso me marcou”.

Da celebração dos grandes à celebração dos pequenos

Se o bolo de aniversário é agora confeccionado para a criança, ele foi primeiramente dedicado aos deuses, depois aos reis. Retomemos elementos desse longo percurso

histórico. Os gregos colocavam bolos de mel, com velas iluminadas, sobre o altar de Ártemis, a deusa da Lua. Depois, utilizado no tempo dos romanos, o bolo era colocado no altar dos deuses Lares. Pois o bolo de aniversário fora muito tempo um prato raro, destinado aos poderosos. Se segue a muito bela e muito refinada história dos bolos e das guloseimas de Maguelonne Toussaint-Samat, o termo mesmo bolo apareceu em sua forma moderna sob o reinado de Luís XIII. E é só em 1739 que nascem os confeitos de chocolate, dos quais se encontra traços nos famosos biscoitos de chocolate de Menon¹¹. Pois essa bebida sacra, comida dos deuses, essa bebida milagrosa, símbolo de luxo, vinda do novo mundo e trazida do México por Cortes está autorizada primeira e unicamente aos soldados e aos nobres. Considerada a princípio como afrodisíaco, o chocolate é em seguida utilizado como medicamento. Ele só será manufaturado e introduzido na confeitaria tardiamente. A lenda imputada a um confeito vienense Franz Sacher, chefe confeito do príncipe de Metternich, é a inspiração, a idéia de misturar tanto o pó de chocolate quanto a farinha, o que deu nascimento a um grande bolo, a Sachertorta, cujo sucesso fora imediato e sua reputação se expandiu em toda Europa. O Cacau, comida divina, iria tornar-se loucura gulosa e depois delícia favorita das crianças.

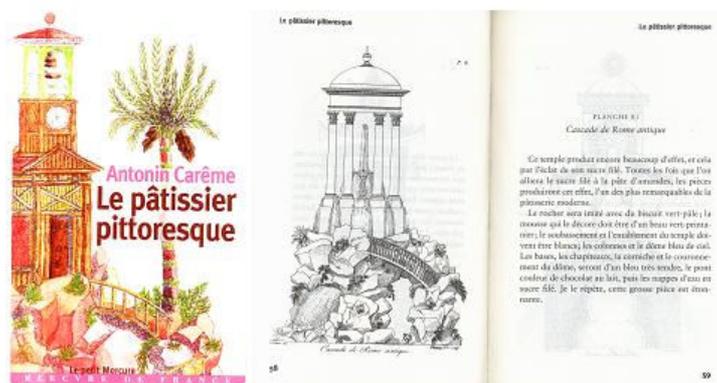
Depois esse bolo de chocolate tomou formas particularmente espetaculares retomando deferentes tradições. A princípio, ele retoma a tradição dos bolos arquitetados, preparados para as grandes figuras desse mundo tais quais aqueles realizados por Antonin Carême.

Um elemento da gastronomia francesa, os bolos de reis

De longa data, moldes em flor-de-lis foram utilizados para apresentar os confeitos e bolos dos reis da França. Mas a sofisticação da apresentação, em seguida “os entremeios da pintura”, promove um novo tesouro no século XVIII com os extraordinários confeitos que fizeram Lebeau, Bailly, Gouffée e sobre tudo Antonin Carême. Apelidado o rei dos confeitores, ele tinha o hábito de dizer “As belas artes são cinco: a pintura, a escultura, a poesia, a música e a arquitetura, cujo ramo principal é a confeitaria”. Esse confeito dos reis fora o confeito de numerosas cortes. Após ter trabalhado para Talleyrand, ele fora empregado pelo Czar da Rússia, o rei da Inglaterra, depois pelo imperador austro-húngaro. Ele torna-se particularmente famoso graças aos *buffets* muito extraordinários que ele tinha o hábito de preparar dando tanta importância à decoração quanto à culinária. Fora mesmo apelidado de “Palladio da culinária” em referência ao famoso arquiteto clássico tal qual os de Vitruvius. Em seu próprio tratado “O confeito pitoresco”, ele

¹¹ Os ingredientes do conjunto de receitas francesas estão já aí, eles variam pouco: farinha de trigo, ovos, açúcar, chocolate aos quais é preciso juntar manteiga.

retoma certos quadros e explica como construir e erguer magníficos bolos, refletindo arquitetura clássica ou exótica. Aparecem em seu tratado pavilhões chineses, russos, pirâmides egípcias, ruínas de mesquita turca e outras loucuras as quais ele explica muito claramente os modos de construção a partir do açúcar, água e farinha utilizando uma técnica cuidadosamente elaborada, a pastilhagem, que permite a partir do açúcar em fios realizar essas fabulosas construções.



Da mesma época datam de outros locais o molde de bolo e a cerca de torta em metal leve do artesão Trottier. Essas invenções, produzidas mais tarde em série e em todos os tamanhos, permitirão aos confeitores, depois às donas-de-casa dar aos bolos, mais facilmente do que com os moldes em cerâmica, as formas decorativas mais variadas. Seguirá a industrialização de fornos permitindo obter um calor constante, depois a introdução do fermento químico. Eis aqui o estabelecimento dos modelos e das condições de realização de confeitos mais comuns, que não mais irão simplesmente celebrar os príncipes e os grandes desse mundo, mas também aos pequenos príncipes e princesas do lar.

Uma tradição culinária anglo-saxônica, a expressão do amor doméstico por meio da estética culinária

O bolo de aniversário para crianças ganhou força na tradição culinária anglo-saxônica. Ele figura na cultura doméstica, dele se encontra múltiplos modelos nos livros de culinária mais populares. Um dos mais correntes nos lares americanos, vendidos no pós-guerra a mais de três milhões e quinhentas mil pessoas, o *Cook Book* de *Betty Crocker*, em seu capítulo intitulado: *Os bolos, um símbolo da vida do lar*, aborda assim o objeto: “Há um bolo para cada ocasião da vida: do belo bolo de noivado ao triunfal bolo de casamento, dos bolos de aniversário cintilando com suas velas, até o orgulhoso bolo que celebra as bodas de prata ou de ouro, os bolos interpretam um papel importante nos momentos mais significativos da nossa vida ... Um pouco do seu amor,



lembrem-se, se inscreve em cada presente que você colocar no forno”.

É assim proposta uma série de bolos de aniversário para crianças retomando elementos do cotidiano da infância americana, tais como Urso Teddy, o urso de pelúcia. Se as decorações são elaboradas e coloridas, as receitas são muito simples. São geralmente receitas semi-industrializadas de *sponge-cake*, espécie de massa, que utiliza misturas prontas para a utilização assegurando constância e consistência ao volume, para cada dona-de-casa. Mas, para obter o resultado esperado, é preciso ainda recobrir o bolo com coberturas cremosas e coloridas que permitam neles se inserir as decorações, ou lhes dar formas particulares graças a moldes ou a recortes *ad hoc*. Eis o porquê de exercer a engenhosidade e a criatividade da mãe de família, e permitir se adaptar aos gostos das crianças.

Essa moral de amor doméstico, encarnada em um bolo, longe de ser tornada ultrapassada, é retomada numa visão mais moderna e ainda mais explícita pela americana Kathryn Kleinman na introdução de um livro muito mais sofisticado “*Bolos de aniversário, receitas e lembranças*”:

“Este livro é uma coleção de receitas de bolos de aniversário, cada um deles é único e pessoal. Eu espero que esses bolos e essas lembranças de votos feitos no momento de soprar as velas lhes inspirem a lembrar em torno de você aqueles que você ama e para perseguir sua própria tradição ou delas criar novas... Aquele que prepara os bolos e os oferece com amor será aquele cujos desejos se realizarão”.

A mesma felicidade familiar é prometida pela obra *Kid's Party Cake*, obra retomando uma seleção de Australian Women's Weekly, largamente distribuído no mundo anglo-saxão, o que quer dizer não somente na Austrália, mas também no Reino-Unido, nos Estados- Unidos, na Nova-Zelândia e na África do Sul:

“Você se lembra dos seus tremores de impaciência, que você provava quando criança, encolhido no fundo de sua cama e que cresciam à medida que se aproximava seu aniversário? Você se lembra quando você devaneava, imaginando-o com os olhos abertos, escolhendo, pedindo um bolo de aniversário bem específico? Depois mudava de opinião, discutia com os colegas, folheando revistas e livros de culinária a procura do bolo perfeito? Eh bem, você sabe que certas coisas não mudam nunca (Graças a Deus), as crianças de hoje tem ainda os mesmos desejos, as mesmas vontades e os mesmos sonhos, sob formas diferentes talvez, mas eles se identificam ainda com os mesmos temas universais que refletem imaginários favoritos e divertimentos de criança. Certas de nossos mais grandes presentes estão nossas lembranças de infância: dê vida a essas fotos de bolos de aniversário e olhe

seus filhos sorrirem. Mais de cento e vinte pensamentos presumidamente fáceis de realizar seguem, devidamente explicados, fotos-montagens e obras de apoio, o essencial dos conselhos destinados a formatação do bolo. Eis nossa mãe de família empenhada a levar a cabo o que se tornou uma verdadeira prova social de paternidade. E longe de estar segura da realização de seu papel social, diante desse desafio muito moderno, levar a cabo o aniversário de seu filho respeitando às vezes uma tradição e reinventando um ritual da aurora das lacunas de seu querido fofinho. Pois nessa exigência de criatividade doméstica se encontra em jogo, estetização do cotidiano e expansão da infância”.



Cliché de l'auteur

Coleções de revistas totalmente dedicadas à confecção de bolos de cerimônia e mais especificamente de bolos de aniversário surgiram tanto na imprensa anglo-saxônica quanto na América do Sul tal como: “Cake craft and Decoration ou Decoração de tortas ou bolos infantis”. Distribuídos internacionalmente e em kiosques, destinados às donas-de-casa, elas colocam ao acesso dos lares domésticos as técnicas e materiais profissionais, e sobre tudo ultrapassando as fronteiras, instituem uma cultura do aniversário, nos mesmos moldes dos antigos manuais de estilo de vida.

O bolo dos ogros e das fadas da literatura infantil:

Do conto de *Pele de asno* de Charles Perrault datado de 1694, ao *Boneco de cuca* de Jim Aylesworth, ou mais simplesmente em *Roule Galette* de Natha Caputo, os bolos tomam múltiplas formas e tornam-se companheiros familiares do imaginário da criança. “A casa de cuca” do conto dos irmãos Grimm, *João e Maria*, tornou-se uma das figuras emblemáticas dessa literatura “se aproximando, eles viram que a casinha tinha paredes de pão doce e um teto de biscoitos; quanto às janelas, eram de açúcar em fios. Então, eles tiveram boas coisas para comer, leite e crepes açucarados, maçãs e nozes...” Construindo o abecedário das construções lúdicas alimentares, ela oferece uma forma à introdução de elementos da cozinha doméstica e também da biscoitaria e da confeitaria industrial, elementos pré-fabricados de uma arquitetura do prazer. O bolo torna-se o suporte de um imaginário social que pode depositar-se em múltiplas metamorfoses desse objeto aparentemente anódino, mas incorporável. Os livros de cozinha para crianças transmitem esse imaginário.



“Pele de asno toma sua farinha/ Que ele tinha feito brotar por querer/ para tornar sua pata mais fina/ Seu sal, sua manteiga e seus ovos frescos/ e para bem fazer sua bolacha/ Fecha-se sozinho em seu quartinho...” Os bolos ocupam, desde muito tempo, um lugar certo na literatura infantil, como nós vimos precedentemente em *O castelo de Anne Hiversère*, seja dotados de poder mágico ou utilizados como simples decoração.

Esses bolos tomam formas efêmeras, obras-primas domésticas a exemplo de certas esculturas contemporâneas comestíveis¹². Associando brincadeira e alimentação, instauram uma estética da arte doméstica que se considerará, em função de seus próprios valores e julgamentos estéticos, como fútil e insignificante, deploravelmente comercial ou relevante do *Pop Art* ou da *Eat Art*, conjugando valores de uso, valores que buscam o prazer e valores simbólicos múltiplos.

A fábrica de aniversário: celebração e construção da identidade individual por meio de um momento efêmero

O que coloca em cena essas realizações efêmeras de um dia em particular, escolhidas com tanto cuidado em honra do principiante?

A celebração de um indivíduo, por meio de diversos rituais que acompanham o curso da vida, utiliza sempre semânticas baseadas em referências culturais. Festejar o aniversário de uma criança, participar de sua celebração recebendo um convite, trazendo um presente, repartindo o bolo e brincando com ela, é também contribuir para a produção de um indivíduo.

Escolher um bolo, como escolher um presente ou um tema da festa de aniversário é fazer escolhas entre as possibilidades, montar objetos, para construir uma situação para dividir, na qual vão se expressar afetos e amizades. Dividir um bolo de aniversário é também dividir referências culturais e mesmo as incorporar, tanto no plano material quanto simbólico. O aniversário da criança, organizado em torno de um experimentar, toma frequentemente a forma de uma festa temática. Tal tema está geralmente expresso desde o convite, à decoração da mesa, passando pelo bolo e pelas atividades propostas. Da receita às decorações do aniversário, se conjugam elementos culturais que no jogo da troca tornam-se elementos de identidade. Trata-se de levar a sério essas decorações efêmeras, pois por meio do indivíduo que esses elementos celebram, tornam-se elementos da construção identitária que se posicionam. Nada é menos insignificante que os elementos dessa socialização do cotidiano, de aparência fútil, que recorre a essas fontes, tanto de uma cultura de consumo quanto de uma cultura patrimonial.

¹² Como a exemplo dos camponeses de açúcar de Dorothée Selz.



Um bolo individualizado, as diferentes formas do bolo de aniversário

Seja feito em casa ou comprado na confeitaria, o bolo é cuidadosamente escolhido; símbolo das delícias da infância marca o tempo excepcional consagrado à criança.

Um bolo feito em casa. Quando a criança é muito nova, é geralmente um dos membros da família que dispensa o tempo para preparar o bolo, depois que a criança cresce, ela é familiarizada passo a passo à preparação do bolo. Geralmente, é a mãe que conduz a consagração. Mas nesse dia excepcional, outros membros da família podem dar sua contribuição, irmão, avó ou pai, em função de suas especialidades respectivas. Frequentemente instaura-se uma tradição familiar em torno da receita ou de uma habilidade particular. A receita mais freqüente é aquela do bolo de chocolate, em suas infinitas variantes...

Um bolo comprado na confeitaria. Se para certas famílias, a exceção do dia significa fabricar em casa, para outros ao contrário, trata-se de comprar um bolo. O que pode representar uma solução simples para pais muito ocupados, ou para realizar um desejo particular da criança: “torta de morango”, rocambole de framboesas ou bolo com formas particulares. Nesse caso, o bolo sustenta orgulhosamente uma placa de açúcar específico desejando com todas as letras um feliz aniversário, e até mesmo o nome da criança.

Um bolo com decorações da infância, das modestas *smarties* aos heróis de Walt Disney

A decoração mais comum do bolo feito em casa utiliza “*smarties*”, pequenos bombons de múltiplas cores formando, sejam simples manchas de cores ou motivos mais elaborados. Os tesouros da imaginação são estendidos sobre os bolos para individualizá-los em função de centros de interesses específicos da criança. Às vezes o nome ou a inicial da criança é desenhado sobre o bolo, símbolo claro de sua individualização. Um amplo inventário de velas, concebidas especialmente para essa ocasião, concorrem nessa decoração: a simples escolha das cores, azul ou rosa, marca a identidade de gênero. As velas em forma de fonte de luz sublinham o aspecto festivo, sem falar das múltiplas figuras modeladas em cera ou porta velas de plástico mesclando elas também a idade e o centro de interesse da criança.

O bolo pode ele mesmo ilustrar o tema da festa de aniversário, tomando a forma de um totem para o aniversário índio, de uma cabeça de morte para um aniversário pirata, de um domador com seus animais para um aniversário em torno do circo. Disforme ou esculpido, o bolo retoma personagens, animais ou objetos favoritos da criança.

A essas figuras do imaginário infantil podem juntar-se figuras mais modernas da indústria da mídia de massa. A indústria do cinema penetra na esfera privada, e seus heróis na mente. Pois nos aniversários, propostos e vendidos completos nos *buffets*, essas temáticas são colocadas desde os pequenos saquinhos de lembrança, nos guardanapos, copos e toalhas de

papel fornecidas. Aparecem sob a forma de bolos, seguindo a atualidade cinematográfica Mickey Mouse ou o Rei Leão, produtos derivados de uma cultura globalizada e internacionalizada.

A criolização do bolo de aniversário: mestiçagem cultural e tensões de identidades

Ora, o ritual de aniversário da criança se difundiu, transformou, mestiçou emprestando aqui e ali figuras culturais, receitas e modos de ser.



Cliché de l'auteur

Tomemos essa cena de rua, observada e fotografada em Shangai em 2005.

Em volta de um enorme bolo, se encontram quatro crianças em uma das barracas do mercado de chá de Shangai. Um menino, dois colegas e sua mãe estão sentados comendo um gigantesco bolo de aniversário. Cena imediatamente identificada, pois essa espécie de bolo era desconhecida até a pouco na culinária chinesa que ignorava o fomo. Pode-se observar como as crianças mal sabem utilizar as pequenas colheres de plástico, de fato elas comem esse bolo de creme com as mãos. Estão cercados de adultos que permanecem atrás e de pé. Nada aqui é evidente. Aos macarrõezinhos de longevidade, degustados tradicionalmente no dia do aniversário, parece ter sido acrescentado ou ter sucedido o bolo de aniversário. Trata-se de um bolo *sponge-cake* (tipo de pão-de-ló), recoberto de creme, decorado com frutas e flores de lótus açucaradas.

Duas tradições são imbricadas aqui. A tradição ocidental do grande bolo para partilhar e mais especificamente a tradição anglo-saxona do *sponge-cake* recoberto de creme de manteiga que passando por Hong Kong e Mc Donald parece ter conquistado as crianças chinesas, e por outro lado, a temática das flores, tradicional na cultura chinesa clássica. Se este grande bolo confeccionado a partir de uma receita ocidental parece um símbolo de modernidade, a sua decoração, retoma os elementos mais clássicos. Mas no



país do Sol Nascente, cujo um dos mais antigos nomes era *Hua*, “a flor”, o renascimento da cultura das flores e o seu uso decorativo marcam o fim da revolução cultural e mais ainda, dos primeiros passos para a abertura econômica de acordo com Jack Goody. As flores sempre ocuparam um lugar importante na cultura letrada chinesa, às vezes na literatura e na pintura simbolizando o amor à natureza, por parte da elite. Esta cultura tornou-se cada vez mais popular. Prosperidade, riqueza, longevidade e felicidade, toda essa linguagem das flores se encontra, pois, sobre o bolo. Aqui as flores de lótus, primeira flor a aparecer na poesia chinesa e emblema da realização espiritual, convivem com rosas, cercadas de pedaços de Kiwi e de morangos. Os frutos são submetidos de modos simples junto às crianças. Assim, o antropólogo James L Watson, em seu estudo sobre a implantação do MC Donald em Hong Kong, por meio da análise das festas de aniversário mostra que o bolo de aniversário é um marcador infalível do *status* social junto às crianças, e mais especificamente, o tipo e a qualidade das frutas que o decoram. Em 1994, framboesas estavam na “moda” e os morangos “fora”. Outros elementos da cultura chinesa são particularmente retomados sobre estes bolos tais como os sinais do horóscopo chinês: Zi, o rato, (shu); A couve, o búfalo (niu), Yn, o tigre (hu), Mao, o coelho (tu), Chen, o dragão (long), Si, a serpente (she), Wu, o cavalo (ma), Wei, o carneiro (yang), Shen, o macaco (hou), You, o galo (ji), Xu, o cão (ji), Hai, o porco (zhu). Mas eles têm sentidos e valores bem diferentes. O signo é escolhido em função do ano de nascimento da criança, ela tem também um símbolo específico que lhe é imbuído. Pode-se tomar esse fato como um exemplo, que enfatiza o sentido dos votos desejados neste dia de festa da criança e a alteração do lugar da criança chinesa tornada a única portadora das esperanças de prosperidade familiar.

O *macaco* é o animal mais malicioso, ele é considerado não somente ágil, mas também inteligente, forte, potente, maravilhoso e imortal. Pois na mitologia chinesa, ele teria roubado os pêssegos, sinal de longevidade, no jardim da mulher do imperador Xiwang Mu. Os pais chineses consideram então que é o macaco um signo do zodíaco favorável, símbolo do sucesso nos estudos. O desejo do aniversário não se faz aqui sob uma forma lúdica, mas conforme a cultura chinesa ele associa os valores educativos a esse dia de festa, e de desejos de êxito social.

Unem-se assim a cultura tradicional chinesa e o *status* moderno da criança na China. Tornando filho único, frente a uma sociedade em mutação, a criança é cada vez mais tomada nas formas de individualização moderna, o que não excluiu os elementos de uma cultura de classe ou de gênero. Pois bem, outros símbolos podem ser encontrados nas confeitarias das grandes cidades como Pequim, Shangai ou Suzhou. Pequenos imperadores e pequenas imperatrizes estão crescendo em um mundo em mutação muito rápida no qual a ocidentalização parece rimar muito frequentemente com consumo.

Exotismo modernizado ou manutenção da identidade cultural: de bolos de chocolate aos cheiros mais diferentes

Não apenas na decoração, mas também na receita podem enfrentar-se ou completar-se identidades culturais. Vinda da ilha da Martinica, chegada à França recentemente, uma família prepara o aniversário da sua filha Carole, com um bolo ao chocolate. Este uso era também desconhecido na Martinica até a pouco, foi importado pelos metropolitanos para as suas próprias crianças. As idas e voltas do chocolate entre continentes, idas e voltas da globalização. A receita foi adotada, mas a sua realização é ligeiramente diferente. Certamente a receita utiliza ingredientes clássicos da confeitaria francesa, ovos, farinha, manteiga, açúcar e chocolate. São só acrescentados alguns elementos para perfumar o bolo: canela, extrato de baunilha e uma pequena gota de rum. No mais, o bolo é decorado com coco ralado, salpicado sobre um glacê branco à base também de açúcar e coco e decorado de flores exóticas. É o que se chama dar o perfume do país, a partir das especiarias supostamente típicas e tradicionais da culinária martiniquenha. Por meio dessa re-interpretação, pode-se apreender como a identidade cultural pode estar em jogo nesse ritual de celebração do indivíduo, e como as marcas de identidade podem ser o objeto de um trabalho social para serem mantidas e transmitidas. A sua partilha é, entretanto, difícil, saída do círculo familiar. Certa jovem universitária brasileira, em estágio em Paris, faz essa dolorosa experiência. Para o aniversário de seu filho, ela prepara uma série de pequenos bolos ao chocolate ao rigor no Brasil, os “*Brigadeiros*”. No final de um certo tempo, ela percebe com surpresa, que delicadamente, os seus pequenos convidados os cospem o mais discretamente possível. A receita deste “prato totem” da infância brasileira é bem diferente do bolo de chocolate francês: o sabor do chocolate cozido com o *Doce de Leite* fabricado a partir de leite condensado açucarado, decorado com coco e com chocolate granulado, surpreendeu e desconcertou um pouco os pequenos amigos franceses.

Heróis da cultura patrimonial contra heróis da cultura comercial



Os exemplos da complexidade da globalização da cultura infantil e as tensões entre as quais se constroem as identidades individuais são múltiplos. Assim como mostrado por muitos sociólogos tais como Richardson, a favor da globalização dos meios de comunicação social e das migrações, as

referências diversificam-se e pluralizam-se, as identidades se complexificam, tornando-se elas mesmas plurais, compósitos, mestiças, variáveis, incertas a favor de um trabalho permanente de construção simbólica entre a criança e os outros no Mundo. Isso não concerne somente ao mundo adulto. Ao lado das figuras do prazer e das inocências infantis, que dão forma aos bolos de aniversário tal como o Chapeuzinho vermelho, Pinóquio ou hordas de piratas, outras figuras surgem e se impõem graças às técnicas mais modernas de modelagem de plástico e de fotocópia comestível. A cultura infantil moderna, como vimos no castelo de Anne Hiversère, empresta esses heróis e heroínas tanto da cultura patrimonial quanto da cultura comercial, sejam lúdicas, literárias, televisivas ou cinematográficas. Os heróis dos filmes e séries televisivas assim juntaram-se aos batalhões dos personagens de histórias em quadrinhos, refletindo os prazeres compartilhados das culturas de cada geração.

Roda das Barbies contra os torneios esportivos: identidades do gênero estereotipado



Suzhou



Dearborn



Londres

Clichés de l'auteur

A figura moderna da princesa dos contos de fada se encarna agora sob a forma de uma boneca Barbie. Mais ou menos idêntica de Suzhou a Dearborn, passando por Roma, Buenos-Aires, Rio de Janeiro, Durban ou Paris. Que estejam diretamente sob licença, ou de simples cópias da boneca original, estes bolos espetaculares, retomam a silhueta que tem se tornado familiar da boneca Barbie da qual mais de mil milhões foram vendidas pela firma Mattel em 140 países. Contudo, nessa confeitaria americana de Dearborn, próxima a Detroit, uma página toda rosa do catálogo permite escolher, para um aniversário de menina, entre uma *White Barbie* e uma *African American Barbie*. Politicamente correto talvez, mas uma identidade completamente estereotipada, assim é construída, proposta e transmitida pelo mundo. Vinda da Alemanha, fabricada na China, difundida nos EUA por um *marketing* que se dirige pela primeira vez diretamente à criança, a boneca viajante em suas múltiplas metamorfoses é agora transformada de *top model* a modelo de bolo, pois o figurino permite uma aparição em volume particularmente espetacular.



Teria se tornado bonita de comer? Essa moda chega também à França. No âmbito de um concurso, lançado junto aos seus leitores pela revista mensal *Famille*, em 2006, o primeiro prêmio do mais bonito bolo de aniversário foi concedido a um “bolo princesa”, construído em redor da mesma silhueta da boneca Barbie. O pequeno porco rosa só ganhou o segundo prêmio e o monstro de chocolate o terceiro. Retomando o *slogan* do jornal feminino *Elle* “Elle escreve o mundo”, esta imprensa destinada aos pais propõe e reflete normas contemporâneas de uma paternidade tornada incerta e de uma felicidade infantil que se tornou obrigatória. Modernidade que não exclui os modelos identificadores mais utilizados.

Da mesma maneira, retomando os centros de interesse e os lazes dos meninos, numerosas temáticas esportivas são propostas. Se a raquete de tênis parece bastante neutra, outros temas dirigem-se especificamente às meninas ou aos meninos. A exploração dos sites de bolos de aniversário, por um lado, é construída imediatamente ao redor dessa bipartição entre sexos, da mesma maneira que a estruturação de gôndolas em certas redes de lojas de brinquedos. Para elas, sapatilhas de dança, para eles, automóveis esportivos, motos ou quadras de esportes. O campo de esporte coletivo, parece ter se tornado um dos temas favoritos¹³, pois sua realização prática é tão simples, assim como conta a heroína deste livro de criança: “Esta manhã, mamãe emprestou “Os Bolos da vida” para a mamãe de minha outra melhor amiga, um livro com bolos para todos os grandes acontecimentos: campos de futebol para um aniversário de menino (tingir a coco ralado de verde para a grama e traçar as linhas brancas com açúcar de confeitiro), de Barbie para um aniversário de menina (montar uma pirâmide de Marshmallows rosa e branco para a saia), e mesmo piscina para festejar a chegada do verão (ornar uma paliçada de Fingers ao redor de uma bacia cheia de geléia verde ou azul)....”

Mas na expressão esportiva da virilidade misturam-se também outros elementos, porque não são os mesmos esportes que são propostos de acordo com os catálogos: Futebol na França, Hockey no Canadá, Base Ball ou Futebol americano nos Estados Unidos, Rugby e Cricket na África do Sul ou na Austrália. Encarnando as novas paixões esportivas, estas representações convenientemente anódinas tornam-se também os elementos da construção de um imaginário nacional.

Um bolo estandarte, guerra e paz através da inocência de um ritual

A transmissão dessa identidade nacional está às vezes tão diretamente em jogo, flertando mesmo bem de perto com o

¹³ *Neuf bougies d'un coup* de Dominique Souchon, publicado por *L'école des loisirs*. (Nove velas de uma vez)



compromisso político. Os desafios estão longe de permanecer insignificantes em contextos particularmente tensos e sensíveis, bem afastados da aparência clássica da inocência da infância.

Quando se analisa o catálogo americano que propõe na Internet o conjunto do que é necessário para festejar dignamente um aniversário “Birthday Express”, pode-se encontrar entre as temáticas propostas atualmente, em plena guerra do Iraque, o tema “*Special forces*”. Dois tipos de bolos são propostos, um na forma de capacete militar recoberto de um glacê que imita uma camuflagem, o outro de um bolo quadrado mais clássico ornado com um jipe militar e dois soldados, um fazendo a vigia com os seus binóculos, o outro apontando sua metralhadora. O conjunto é acompanhado de uma multidão de dispositivos militares para disfarçar-se ou decorar e animar a festa. Os comentários (que foram enviados realmente por clientes ou redigidos pelo serviço *marketing*) sobre o sucesso desta temática junto aos clientes estão sem ambiguidade.

“Meu filho decidiu que queria a bandeira dos Estados Unidos em seu bolo de aniversário, qual tema melhor poderíamos encontrar? O tema foi um enorme sucesso, e mesmo com as meninas! Acrescentei pequenos aviões militares para os meninos e estojos de maquiagem Barbie para as meninas nas suas caixas de surpresa *Special Forces*. Tínhamos recuperado também pequenas quinquilharias do escritório de recrutamento militar. Um produto excelente! De grande qualidade!”

Encontra-se aqui o hábito americano, para celebrar a naturalização de um novo imigrante, de oferecer um bolo decorado com um glacê multicolorido representando a bandeira estrelada enquanto que a festa segue a cerimônia oficial. O mesmo ocorre para a festa nacional do 4 de Julho, durante a qual vendem-se bolos das cores nacionais.

“Meu filho decidiu-se este ano pelo aniversário *Special Forces* sobretudo para uma festa ao redor da piscina; foi um grande sucesso. Pedimos às crianças que viessem vestidas em verde ou kaki, e as maquiemos de camuflagem em sua chegada. O meu marido também disfarçou-se e desempenhou o papel do sargento instrutor. Tanto nós nos divertimos com as brincadeiras, que mal tivemos tempo de realizar o resto do que estava previsto para a festa. Ainda não tínhamos comido nem o bolo quando os pais começaram a chegar para procurar seus filhos. Nosso filho não quis retirar as suas pinturas de guerra, e o seu capacete até que fosse para a cama. Não saberia dizer o suficiente sobre este conjunto e quanto tornou-se completamente especial este aniversário de meu filho”



Clichés de l'auteur

Essa referência claramente militar, em países envolvidos em conflitos sangrentos, se encontra também entre os heróis patrimoniais ou comerciais, no catálogo de uma confeitaria de Beirute: um bolo corado de soldados espiando atrás de suas metralhadoras é insinuado.

Se a etimologia do termo colega (*copain*) “Co-pané” significa compartilhar o seu pão, isso quer dizer também compartilhar valores. Poder-se-ia considerar como muito anódinos ou extravagantes esse inventário e esta atenção dispensada a esse objeto efêmero desse dia extraordinário que é o aniversário da criança, mas é assim que se insere às vezes no mais profundo de nós mesmos, por meio de sabores e odores bem característicos das identidades:

“Mas no momento mesmo no qual a bebida misturada às migalhas do bolo tocou o meu palato, eu tremi, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Um prazer delicioso tinha me invadido, isolado, noção de sua causa. (...) E muito de repente a lembrança apareceu-me. Esse gosto era o do pequeno pedaço de Madeleine que de domingo de manhã em Combray, quando ia lhe dizer bom-dia em seu quarto, minha tia Léonie me oferecia após te-lo mergulhado num líquido na sua infusão de chá ou de tília. A vista da pequena Madeleine nada me tinha recordado antes que eu a houvesse provado (...) mas, quando de um passado antigo nada subsiste, após a morte dos seres, após a destruição das coisas, únicas, mais frágeis, mas mais vivas, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o cheiro e o sabor permanecem ainda muito tempo, como almas, a se recordar, a esperar, esperar, sobre a ruína de todo o resto, a levar sem dobrar, sobre a sua gotinha quase impalpável, o edifício imenso da lembrança (...) é assim o nosso passado. É pena que procurávamos evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência são inúteis. Está escondido fora do seu domínio e do seu alcance, em algum objeto material (na sensação que daríamos este objeto material) que não suspeitamos” Marcel Proust, No caminho de Swann.

Por meio da decifração das regras do ritual e mais precisamente desse pequeno objeto que é o bolo de aniversário, pode se ler em quantos de

nossos dias, a construção da identidade da criança produz-se por meio de um verdadeiro quebra-cabeça de valores em um nó de tensões entre as quais terá ela mesma que construir a sua própria identidade, como indivíduo moderno.



Bibliografia

ASCHER, François. **Le mangeur hypermoderne**. Paris: Odile Jacob, 2005.

BECK, Ulrich. **La société du risque**. Alto: Aubier, 1986, trad. 2001.

BERMANN-FISHER, Brigitte. **Mémoires de Brigitte Bermann-Fisher, fille de l'éditeur Samuel Fisher Hedwig, (1905-1991)** Musée juif de Berlin.

BIRTHDAY EXPRESS, Catalogue.

CARVER, Raymond. C'est pas grand chose mais ça fait du bien. In : **Les vitamines du Bonheur**. Paris: Stock, 1981, réed 1985.

CLARK, Pamela. **The Australian Women's Weekly Kids' Party Cakes**. Sydney: ACP Publishing Pty Limited, 2005.

COOKER, Betty. **Cook book**. New York: Golden Press, 1956, réed.1969.

D.COE, Sophie & D.COE, Michael. **Généalogie du chocolat**. Paris: Abeville, 1996, trad. 1998.

DOUGLAS, Mary. Les structures du culinaire. In: **Structures of Gastronomy**. Rapport de la Russell Sage Fondation, (1976-1977).

GENDRON, Vincent. **Histoire des grands-parents**. Paris: Perrin, 2001.



GIARD, Luce, MAYOL, Pierre & CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien, habiter, cuisinier**. Payot, 1980, p. 10-18.

GOODY, Jack. **La culture des fleurs**. Paris: Seuil, 1994.

HANQUEZ-MAINCENT, Marie-françoise. **Barbie, Poupée totem**. Paris: Autrement, (collection Mutations), n°181, 1998.

KLEINMAN, Kathy. **Birthday Cakes, Recipes and Memories**.

LEBRUN, Françoise. **Le livre de l'anniversaire**. Paris: Laffont, 1986.

MAGUELONNE TOUSSAINT-SAMAT, M. **La très belle et exquise histoire des gâteaux et des friandises**. Paris: Flammarion, 2004.

MARC-ANTONIN CAREME, A. **Le pâtissier pittoresque**. Paris: Mercure de France, 1815, réed 2003,

PONTI, Claude. **Blaise et le château d'Anne Hiversère**. Paris: L'école des loisirs, 2004.

PROUST, Marcel. **Du côté de chez Swann**. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la pléiade, 1954.

ROCHE, Daniel. **Histoire des choses banales**. Paris: Fayard, 1997.

SIROTA, Régine. Anniversaire familial, anniversaire copinal, anniversaire scolaire. In : HARDY, M., BOUCHARD, Y. E. & FORTIER, G., (eds). **L'école et les changements sociaux**. Montréal : Éditions logiques, 1998, p. 411-427.

_____. Birthday, a modern childhood ritual of socialization. In: BOIS-REYMOND, M., SÜNKER, H. & KRÜGER, H. H. (Eds.). **Childhood in Europe, Approaches-Trends-Findings**. New York: Peter Lang, 2001, p.117-138.

_____. Le gâteau d'anniversaire, de la célébration de l'enfant à son inscription sociale. **La lettre du GRAPE, revue de l'enfance et de l'adolescence**, n° 35, 2004, p. 51-65.

_____. Les civilités de l'enfance contemporaine, l'anniversaire ou le déchiffrement d'une configuration. **Education et Sociétés**, n° spécial Sociologie de l'enfance, n° 3, 1999, p. 31-54.

_____. Les copains d'abord, les anniversaires de l'enfance, donner et recevoir. **Ethnologie française**, n° spécial Les cadeaux, déc., 1998, p. 457-471, (réédition 2001).



_____. When the birthday invitation knocks again and again on the door. Learning and construction of manners, **Zeitschrift für Qualitative Bildungsberatung und Socialforschung**, n°1, 2002, p.11-39.

_____. Prendre au sérieux un rite de l'enfance: l'anniversaire. In : SIROTA, R. (ed), **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes : PUR, 2006, p. 32-38.

SOUCHON, Dominique. **Neuf bougies d'un coup**. Paris: École des loisirs, 2004.

WATSON, James L. (ed.) **Golden Arches East**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

Enviado em: 06/11/2008.

Aceito em: 10/11/2008.